

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XX

Semanário regionalista

N.º 629

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu
FIGUEIRO DOS VINHOS

Grémio da Lavoura

Ao tomar em 8-10-941 conta do Grémio da Lavoura de Figueiro dos Vinhos, Castanheira de Pera e de Pedrógão Grande a direcção da Presidência do sr. Joaquim Lourenço de Campos, tinha este Grémio o seguinte movimento: — 103.591\$60.

Procurou imediatamente a nossa direcção por arrumar a casa, como se costuma dizer e depois da casa em ordem, tratou da parte administrativa.

E assim animado e perfeitamente integrada dentro das suas funções, movimentos:

1942—915.144\$68.

1943—1.850.836\$04.

1944—4.239.965\$89.

Em face destes numeros, que gostosamente transcrevemos, o leitor vê claramente, qual tem, sido acção do Grémio e o serviço que está prestando.

Estes numeros dispensam-nos de quaisquer comentários, pois trazem bem, com uma clareza evidente, que não se poderia fazer mais e melhor, e respondem aos comentários, que porventura se façam, à volta desta organização corporativa.

E' ponto assente, que toda e qualquer organização ou instituição depende da sua direcção:—ela será boa, ou má, conforme a administram, ou dirigem.

O mal, portanto, não é das instituições ou organismos, mas sim de quem as dirige.

Este exemplo do Grémio da Lavoura, que apresentamos é bem elucidativo, e para elle chamamos a atenção do público.

Cartas anónimas

Nesta nossa terra houve sempre a má pécha da carta anónima, é certo.

Mas ultimamente tomou tais proporções e escandalo, que há que pôr cobro à falta de dignidade e de vergonha por parte de quem as escreve, entregando os seus autores aos tribunais.

As autoridades estão averiguando o caso e segund nos informam, já estão na posse da meada.

Resta apenas arranjar prova a fim de imediatamente entregar ao tribunal, essas criaturas, que na ancia de fazer mal, chegam até a não poupar a honra das senhoras desta vila e pelas quais toda a gente nutre a melhor consideração e estima.

E' uma infamia, o que se está passando, por isso é necessário reprimir e, quanto antes, tais abusos, desmascarando em público os autores ou autoras de tão repugnante crime.

Azeite

Em conformidade com as determinações officiais, foi prorrogado o prazo até ao dia 31 do corrente para os auto-abastecidos de azeite fazer o manifesto da sua produção e reserva.

Por ordem superior o preço do azeite com 1 grau e 6 décimos, foi fixado para a venda ao público, em 0\$35, cada litro.

As Palavras e as Acções

Estrada de Alge

O nosso amigo sr. Joaquim Lourenço de Campos, comunica-nos que a estrada de Alge, chegou finalmente a esta importante povoação da freguesia de Campelo.

E que o povo de Alge manifestou a sua alegria deitando foguetes e morteiros e deu vivas ao Estado Novo:—Carmona e Salazar.

Foi uma tarde alegre para aquela gente, sobretudo para o nosso amigo Campos, que foi encansável não se poupando a trabalho, canceiras e arrelias para levar a efeito esta importante obra.

Recordar, é viver, diz o ditado!

E nós ao recordar a forma primitiva como se vivia nas freguesias do nosso concelho, sem uma estrada macadamizada, caminhos intransitáveis, sem fontes, escolas em ruínas e desprovidas de material escolar e didático, sentimos uma grande satisfação e damos graças à Providência por nos ter livrado deste estado primitivo em que nos encontravamos.

Avaliamos, portanto, a satisfação que experimentou o povo ao ver chegar a sua estrada a Alge, ver finalmente satisfeita a sua maior e

Cumprimentando o povo de Alge, não esqueçamos o nosso amigo Joaquim Alves Martins, que para essa obra contribuiu com dez mil escudos, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia que contribuíram com a parte restante do seu custo.

Cumprimentamos também a sua colónia de Lisboa e sinceramente os felicitamos por esta importante obra da sua terra.

A escola primária que se construiu em 1939-1940 e esta estrada feita em terreno agreste, à margem da Ribeira de Alge, traduzem sem duvida dois grandes melhoramentos e que se não fôsse esta situação politica de realizações, certamente, tinhamos que aguardar, e, quem sabe, se eternamente.

Socorro de inverno

A Comissão do Socorro de Inverno continua a receber bastantes ofertas.

Esta semana, entregou para o Socorro de Inverno, dez chales de barra de setim, o sr. António Francisco da Silva, digno industrial de Abrunheira.

A confecção dos fatos para os pequenos mais necessitados das Escolas Primárias desta vila, e os vestidos para as meninas, estão a ser confeccionados.

—Auxiliai o socorro de inverno, comprando o emblema do S. I.

—E' um dever de todos, contribuir para o socorro de inverno.

—Apoiai a acção do Governo, no socorro de inverno.

Preparação e confiança

«Temos vencido as outras crises; também venceremos, porque temos condições para isso, a crise da paz. Mas precisamos de estar tão preparados e decididos como se fôsse para vencer a guerra»

Salazar

Em sua mensagem aos portugueses de todo o mundo, o Sr. General Carmona traçou a rota do futuro pelos caminhos da «piedade, fidelidade e união».

Dias depois o Governo anunciava a próxima concessão duma vasta amnistia e dum largo perdão para certos crimes e delitos, alguns dos quais praticados pelos seus adversários, pelos que teimosamente não querem vêr o «milagre português».

Frequentes vezes noto que confundem amnistia e perdão, considerando-os uma e mesma coisa.

Não é assim. A amnistia lança perpetuo silêncio sobre a infração como se ela jámais houvesse existido; o perdão aproveita ao delinquente na parte em que lhe extingue a pena que falte cumprir, ou lha deminua pelo tempo que ao legislador parecer indicado, mas o registio criminal continuará a acusar a falta e a sanção aplicada.

A amnistia apaga o castigo, o perdão —lhe o castigo.

Esta diferença fundamental opéra, como salta aos olhos, conseqüências bem diversas.

O amnistiado regressa ao seio da sociedade de cabeça erguida, a coberto da lei; o perdoado, terá que provar a sua regeneração, se o seu desvairo é daqueles que imprimem fraqueza ou perversão de consciencia.

Desgraçadamente a sociedade à medida que se afasta de Jesus, esquece que a mais bela virtude é saber perdoar, e que o desgraçado precisa mais do que ninguém do amparo dos outros para não se tornar num revoltado ou para não voltar a cair no erro que o atirou para uma cadeia.

Ficará para melhor oportunidade este aspecto da questão. Neste momento interessante estabelecer o confronto entre as elevadas palavras do Chefe do Estado e o elevado gesto de magnanimidade do Governo.

O decreto anunciado pela pasta da Justiça é inspirado pela piedade, pela fidelidade e pela união.

Piedade pelos que sofrem; piedade numa hora em que o mundo a banii, matando, mutilando, incendiando e arrazando.

Fidelidade à tradição, aos princípios de cristandade que iluminam a nossa história desde o alvorecer da nacionalidade; fidelidade aos imperativos do coração que fizeram dos portugueses um dos povos mais bondosos de toda a terra.

União, chamando ao terreiro da virtude e do trabalho os que por sugestões do mal ou

deformação de educação se afastaram dos mandamentos da lei de Deus, inspiradores de todos os Códigos, onde o direito corre paralelas com a lei moral; união que é solidariedade humana, e grandeza da alma!

Não é a primeira vez que o Governo da Revolução Nacional procura apagar legítimos ressentimentos por actos que podem constituir perigo para a sua segurança e da Nação, em nome da harmonia e da paz na familia portuguesa.

Há na verdade um abismo entre a maneira de proceder do vencedor e dos vencidos.

Senhor da situação desde 28 de Maio de 1926, o Governo podia ter exercido represalias invocando, aliás com verdade, a necessidade de libertar a sociedade da desordem e sobretudo da permanente inquietação do boato, da calúnia e do ferver da mentira.

Enquanto os seus inimigos, uma vez por sugestão dos que só dentro das sombras vestindo o manto da hipocrisia quando aparecem à luz, não desarmam, quebrando todas as promessas e iludindo todos os compromissos, o Governo da Revolução Nacional pela bôca e pela pena dos seus Chefes procura a todo o transe fazer germinar a semente do amor e da paz entre todos os portugueses, chamando-os a colaborar numa obra que seria tão déles como nossa, porque não há partidos.

A glória do Portugal de amanhã a quem caberá? Ao Governo da Revolução Nacional, responder-se-há.

E o que é ou quem é o Governo da Revolução Nacional?

Sou eu, és tu, somos todos, é o próprio Portugal feito de união dos portugueses.

Quem assim procede, escondendo-se da glória, esquivando-se dos aplausos do triunfo, renunciando aos louros da vitória, conquista naturalmente todos os homens de boa vontade.

Vozes menos optimistas guiadas pela penosa lição da experiencia avisam prudentemente que o inimigo não perdoa.

Digamos também a éesses que só o Governo é Juiz das atitudes que devem tomar-se, e dêmos o nosso decidido e sincero apoio a mais esta tentativa de perfeita união, para bem da unidade nacional.

Mas porque há morrer e viver, ponhamos o preto no branco para vir à baila, se contra à nossa sincera e bem intencionada campanha de boa paz, os inimigos de ontem forem inimigos de amanhã.

CASAS ECONOMICAS

Pela sua importante finalidade e para mostrar o esforço realizado pelo Estado Novo, em matéria de tão vasto alcance social, como foi a obra pública de construção de «casas económicas», diremos que nos bairros em Lisboa, se construíram 2.540 casas económicas; nos do

Porto 1.376. Em Braga—132; em Bragança—24; em Coimbra—60; em Guimarães—78; em Olhão—66; em Portimão—10; em Vila Viçosa—76; Covilhã—70; Viana do Castelo—64; Guarda—50, casas económicas, cujo custo global, se eleva a

Dr. Rui Paiva de Carvalho

Este nosso presado amigo e digno colaborador, que com muito proficiência exerce a sua actividade profissional em Monte Redondo de Leiria, deu-nos o prazer da sua amável visita que muito agradecemos,

Semana das Missões

TOLSTOI e a lealdade

Aspectos

ribatejanos

Durante a novena do Beato João Bito, de 28 de Janeiro a 4 de Fevereiro, realizar-se-á uma nova «Semana das Missões».

Sob o patrocínio do excelso mártir do Maduré, será dado às almas portuguesas meditar sobre o valor espiritual e patriótico das missões, analisando o que elas têm sido como factor da nossa colonização e tirando daí a conclusão única que os tempos de hoje impõem: fóra da vocação missionária, renegariamos o nosso próprio destino universalista e arriscar-nos-famos a ver contestados direitos que secularmente nos pertencem.

Há ainda, e felizmente bem viva na alma nacional, uma imperativa necessidade de continuar a acção missionária nas províncias ultramarinas. Mas é preciso desenvolver a popularização dessa obra, não só levando ao conhecimento de todos os exemplos magníficos que desde a Espansão, — há quinhentos anos, — até aos nossos dias, ilustram a nossa acção civilizadora, mas também incutindo nas consciências a verdade de que tamanha obra exige grandes recursos materiais.

Nem só de abnegação cristã, de desinteressado espírito de sacrifício, de humana assistência, de divi e pátrio amor, podem viver as missões.

Baptizar o indígena, iluminar-lhe a alma com a claridade dos princípios do Evangelho, esclarecer-lhe o espírito com os conhecimentos de tudo quanto tem contribuído para a civilização, é grande obra, sem dúvida, que faz a glória de um povo e traz ao seu seio novos membros, religiosidade, afeição, afeição humana e piedosa, humana e cristã. Não pode hoje o missionário, ao lado da Cruz de Cristo deixar de ter o penso para o doente ou a vianda para o caminheiro. Sabem-no quantos têm percorrido a África e disso foi prova o testemunho dado ao Cardinal Legado nas terras do interior por muitos colonos e indígenas.

Ao tradicionalismo da nossa missão espiritual, padrão de uma escola colonizadora, acresce, pois, agora, a actualidade flagrante de proteger e desenvolver as Missões, dando-lhes meios indispensáveis para poderem continuar aquela tradição histórica.

Com isso se avigora, simultaneamente, o conceito da nossa soberania e a doutrina católica: o que significa permanecermos os mesmos dentro do conceito espiritual de Império e na defesa dos princípios morais mais firmes sobre que deve assentar a reconstrução do Mundo.

Esse é o significado nacional e universal da Semana das Missões.

Caixas do Correio Rural

Tendo chegado ao conhecimento da redacção deste jornal, que muitos dos nossos amáveis assinantes, que residem nas freguesias rurais, não recebem com regularidade o jornal «A Regeneração», que lhes é enviado nos dias da sua expedição, rogamos a fineza aos srs. depositários das caixas de correio rural, um pouco de atenção para este assunto.

António Simões Arinto

Armazém de Lanifícios
Bairro Teófilo Braga
Figueiró dos Vinhos

para com a verdade

Há três problemas que dominam o pensamento do homem, desde a adolescência à velhice, e cada um deles é um problema de relações. Há o problema sexual, que é o problema das relações do homem com a outra metade da humanidade. Há o problema político, que é o problema das relações de um homem com os seus semelhantes numa sociedade organizada. E há o problema das relações do homem com o universo e o poder que está atrás dele. É este último problema, o da religião que Tolstoi trata num dos seus ensaios, e trata-o de uma maneira notável.

A religião, diz ele, não é a frequentação das igrejas ou o oferecimento de sacrifícios, ou a reza, ou a observância de ritos, (a-pesar-d-a um destes caracteres ou o conjunto possam estar contidos nela). A religião, é a relação concebida pelo homem entre ele, e o universo assim como o poder superior.

Há três formas de relações possíveis, diz Tolstoi—entre o homem e o universo. É qualquer religião entra numa ou noutra destas categorias.—Primeiramente o homem pode conceber que a sua vida não tem um fim e mesmo que ela é um acontecimento accidental.

Vindos do nada, ao nada voltamos. Não tendo a vida um significado moral, somos então propensos a procurar tirar dela o máximo prazer, egoistamente, sem cuidado das obrigações morais para quem quer que seja, se não é com nós próprios. A segunda atitude,—diz Tolstoi,—é a que concebe que a vida não tanto no indivíduo do que na família, a tribo, a nação, a humanidade, da qual o indivíduo não é senão um membro. Nesta concepção da vida, a suprema obrigação do homem não é a de satisfazer os seus próprios desejos, mas de servir os seus semelhantes, subordinando-se-lhe.

A terceira atitude, segundo Tolstoi, é ela que diz que o supremo dever do homem não é de se servir ele mesmo, nem mesmo a sociedade, mas de procurar qual é o valor de Deus relativo a ele, e de se conformar. Isto não significa que o homem deva necessariamente renunciar à família, à tribo ou à sociedade, ou renegar as suas obrigações para com elas. Mas isto significa que deve subordinar a sua conduta ao valor supremo, que é o que Deus espera dele, seja isso o que for, e onde quer que isso o conduza.

Tolstoi regeitava os dois primeiros e não aceitava senão a terceira atitude. Esta última atitude é a mais nobre e a mais difícil de conservar. A fidelidade ao que ele julgava ser a verdade, a sua lealdade, para com as injunções da sua consciência explicam bem alguns episódios da vida dele.

In-O globo n.º 37 de 23-12-1944.

Escola de Alunos Marinheiros

Está aberto o concurso desde 6 de Janeiro até ao próximo dia 5 de Fevereiro do corrente ano, para admissão de 120 alunos marinheiros.

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na secretaria da Câmara Municipal desta vila.

Auxílios e Socorro de Inverno

II

Adjacente à praça principal do Cartaxo ou seja à sua sala de visitas e situado lateralmente ao edificio da «Domus Municipalis» estende-se um vastíssimo espaço rectangular onde nos primeiros dias de Novembro se celebra a feira anual concelhia conhecida pelo nome de Feira de Todos os Santos. Percorri a feira deste ano transato amudadas vezes, tomando assim contacto com os usos para mim inéditos desta boa e trabalhadora gente ribatejana que se esforça de sol a sol para arrancar deste solo ubérrimo tôdas as primicias e dadivas que ela é suscetível de nos proporcionar.

A feira anual foi em extremo concorrida por esta população campezina que cria rebanhos sobre rebanhos e manadas sobre manadas de gado de açugue contribuindo assim poderosamente para levantar o nível económico da nossa querida pátria. Não faltavam os divertimentos e as tradicionais barracas de comens e babes; à frente de tudo dois «carrouseis» em rotações ininterruptas faziam delirar as crianças e os adultos em inéditos prazeres de velocidades, de subidas e descidas sucedendo-se instantaneamente e o nosso bom povo humilde simples aprecia de bom grado e com um prazer quasi infinito estas sensações.

Durante 8 dias o povo deu largas à sua boa disposição esquecendo as contingências e as agruras do momento presente e encarando a vida pelo prisma mais sedutor e resplandecente que imaginar se possa. Bom povo o nosso, vivendo para o trabalho e para a alegria, para o esforço de dia a dia e para o compensador aprazimento das feiras e das romarias.

Deiem-lhe de quando em vez umas romarias com bandeiras, foguetes e músicas e umas feiras com circos, carrouseis e farturas e ele cada vez se integra mais no denodado esforço de arrancar destas Varzeas ribatejanas o possível e o impossível, fazendo assim a felicidade de milhões de portugueses. Carrouseis, circos, barracas de fenómenos mefistofélicos, sandes e copos de vinho, tudo teve concorência em barda durante esses dias, fazendo-se negócio e movimentando em extremo a vila onde atualmente exerce a minha desvaliosa actividade de professor liceal.

O povo patenteava com clareza a sua alegria despejava as suas bolsas sem esforço nem sacrificio porque o dinheiro fez-se para circular de mão em mão e não para se fossilizar num canto obscuro ou num cofre forte duma instituição bancária. Povo ribatejano destas margens férteis do grande rio Tejo, eu te saúdo e te incito a preservar no teu esforço diário e contínuo em prol dum Portugal grande, dum Portugal maior, cada vez mais feliz e mais livre das generosidades de fóra.

Cartaxo, Janeiro 1945.

Narciso Loureiro

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Publicações recebidas Festas e Romaria

Com destino à biblioteca do nosso jornal, recebemos os exemplares a seguir mencionados, que muito agradecemos:

«Notícias»—Dão-nos o prazer da sua visita este importante periódico que tem por director o ex.mo sr. Manuel Simões Vaz e se publica em Lourenço Marques. O n.º 49 que recebemos, é um excelente número extraordinário de Domingo, onde entre vários artigos que publica, destacamos a importante página «Sulco», dirigida pelo nosso amigo e antigo colaborador, sr. António A. dos Santos Abranches. Agradecemos a oferta e vamos permutar.

Os nossos filhos—temos presente o n.º 31, relativo ao mês de Dezembro, deste importante mensário, que sob a direcção de D. Maria Lúcia Silva Rosa, se publica na R. Almeida e Sousa—25-2.º Esq.—Lisboa.

É uma bela revista que todas as mães devem ler e assinar em virtude do desenvolvimento que, sobre puericultura, enfermagem, educação e literatura infantil, nos apresenta as suas secções.

Calendários—Da importante firma João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, recebemos 2 calendários para 1955, em que se faz o respectivo reclame aos Pimentões Flor do Pereiro, bem como ao papel de fumar Bambu, produtos estes que estão conquistando o mercado, pela sua superior qualidade.

Em Figueiró dos Vinhos, é seu único representante desta importante firma, o sr. Juvenal Quaresma Mendes.

Da importante firma Armazém Tomarenses de Papeis, Praça da Republica-17—Tomar, recebemos, 5 exemplares de um primoroso e lindo calendário para 1945. Agradecemos a oferta.

A Bola—Sob a orientação dos conhecidos jornalistas e técnicos desportivos srs. Ribeiro dos Reis e Cândido de Oliveira, iniciará a sua publicação em Lisboa dentro do corrente mês, o novo bi-semanário A BOLA que está sendo aguardado com o maior interesse nos meios desportivos da Capital.

A BOLA, a publicar às 2.ªs e 5.ªs feiras, procurará ser um jornal moderno, cuidado, de formato grande, dedicando atenção a todos os desportos e procurando dar o maior relevo à actividade desportiva da Província.

Boletim de Informações dos Serviços da Imprensa da Legação da Polónia.

Boletim de Informações da Embaixada de Inglaterra.

Boletim de Informação da Legação da Roménia.

Imprensa: Com regularidade temos recebido por permuta a visita dos prezados colegas:

Alejo; A Voz Portalegrense; A Vida Ribatejana; Ecos do Alentejo; Correio do Sul; O Cezimbreense; Jornal de Moura; Região de Leiria; O Globo; O Gráfico; Ecos da Serra; O Castanheirense; O Povo da Louzã; O Comércio de Chaves; A Comarca da Sertã; Jornal de Abrantes; A Voz do Operário; Comércio do Porto; O Diário Popular; Ecos da Serra; O Sado; Notícias de Penacova e o Mensageiro.

S. Sebastião—Como tínhamos anunciado no nosso número anterior, teve lugar no passado dia 21, a festa em honra do Mártir S. Sebastião, que decorreu muito animada e com grande afluência de fleis, a-pesar-da chuva miudinha que caía. Houve alvorada, missa cantada, sermão pregado pelo reverendo Arcipreste Padre António Inglez, procissão, arrematação pública para a venda das ofertas e concerto musical até ao sol posto, pela Banda Municipal.

Nossa Senhora dos Remédios—No próximo dia 2 de Fevereiro, realizar-se há a festa em honra de Nossa Senhora dos Remédios, que muito se venera na sua capelinha, sita nos subúrbios desta vila.

A Comissão desta festa, tem feito algumas reparações na capela, e esforça-se para que este ano os festejos sejam feitos com mais imponência. Haverá alvorada, missa, sermão, procissão e venda de fogaças com arraial abrilhantado pela Banda Municipal.

A nossa Carteira

Visitas

Estiveram nesta vila e tivemos o prazer de cumprimentar, os nossos amigos e assinantes senhores:

António Simões Braz, Arega. João de Almeida, Castanheira de Arega.

António de Almeida, Fato. Vitorino de Carvalho, Campêlo. Adelino José Lopes, Casal do Pedro—Aguda. António Simões, Sertã.

Aniversários

No passado dia 22 do corrente mês, fez anos o sr. Eduardo da Silva Nunes, empregado comercial da firma Joaquim Estevão Rodrigues.

Em 25 do corrente, fez anos o nosso estimado assinante sr. José Augusto Marques, comerciante nesta vila.

No próximo dia 8 de Fevereiro, faz anos o sr. António da Silva Martinho, ajudante de farmácia, na Farmácia Serra, propriedade da ex.ª sr.ª dr.ª D. Maria Bertha Corrêa de Frias.

Doente

Encontra-se quasi restabelecido o nosso amigo e assinante sr. José Augusto Marques.

Casamento

No passado dia 20 do corrente, realizou-se na Igreja Matriz desta vila, o casamento do sr. António David Campos, com a sr.ª Maria dos Anjos.

Foi celebrante o Reverendo Padre António Inglez e apadrinharam o acto por parte do noivo o sr. Alfredo David Campos e a sr.ª Maria Celéstia David e por parte da noiva, o sr. José de Oliveira David e a manina Maria Adelaide David.

Após a cerimónia religiosa, foi servido em casa do pai do noivo, um almoço que decorreu na maior intimidade.

«A Regeneração» deseja aos noivos muitas felicidades.

Sabedoria Rapazes da Rua do Povo

Ano de neve, paga o que deve.
 Manhã ruiva dá vento ou chuva.
 Ao quinto dia de lua, verás que mês terás.
 Sapo que salta, água que não falta.
 O marido e o linho não é escolhido.
 Os mortos aos vivos abrem os olhos.
 Perdoa a todos, mais do que a ti próprio.
 Quando minguar a lua, não comeces coisa alguma.
 Ovo brando, comer embaraçado.

Ancorada permanentemente no Tejo, frente a Lisboa; imóvel sobre as águas movediças; parada sobre a corrente que não pára nunca, a Fragata D. Fernando é como que o símbolo de Portugal, engrandecido em luta com as ondas, e permanente na História através do rolar dos tempos.

Por iniciativa do Governador Civil de Lisboa, sr. Comandante Nuno de Brion, vai ser transformada a velha nau inactiva em lar e em escola dos rapazes das ruas de Lisboa.

Quem não tem casa vive na rua. E na rua se aprende o que faz quem na rua vive. O caminho da infâmia, o rumo da vadiagem, a carreira do crime, principiam na rua, escola de todos os vícios frequentada em Lisboa por tantos e tantos rapazes sem lar.

São esses rapazes que o sr. Comandante Nuno de Brion se propõe salvar, fornecendo-lhes alojamento e pão, formando em bom sentido espiritos que romariam por tortos caminhos, se educados na vasa moral da rua.

Simpático e transcendente destino é este dado à velha Fragata que não navega. Dentro dela renascerá todo um mundo, alegre e jovem, útil e bom, construído com rapazes tirados à rua, como pérolas arrancadas da lama.

Dentro dela, parada sobre as águas que não param, como símbolo duma Pátria que fica depois de séculos que se vão, dentro dela se moldarão, para construir Portugal de amanhã, aquelas almas que não queremos deformadas na rua, que não deixaremos viciarem-se e perderem-se ao abandono, porque nelas vive o sentir, que tems em nossas também: portugueses como nós, é nossa obrigação formá-las no espírito do bem e capacitá-las de serem úteis, porque «todos não somos demais para continuar Portugal».

Revelação interessante

No Parlamento inglês existe uma Estação de correio, e não julguem que o Chefe leva as suas obrigações assim com a perna às costas. Nada disso. Para calcularem o que é o movimento telegrafo-postal do Parlamento britânico, ojeam o que Mr. Webster, que há pouco abandonou o seu lugar, por ter atingido o limite de idade, nos diz, e verão como esse senhor, mesmo nestes dias frios de inverno, devia sentir bastante calor. Recebem-se no Parlamento cerca de três mil cartas por dia e expdem-se dali uns mil e quinhentos telegramas urgentes, por dia, também. Há 20 caixas de correio para recolher a correspondência e existem 100 locais diferentes para distribuir a correspondência que ali chega.

J. M. Albuquerque Dias
 ADVOGADO
 Figueiró dos Vinhos

Assinantes em débito

Chamamos a atenção dos nossos estimáveis assinantes residentes nas colónias e no estrangeiro, bem como, os srs. procuradores ou representantes dos mesmos, para o atraso de pagamento em que estes nossos estimáveis amigos se encontram. Apêlamos também para os nossos estimáveis assinantes que residem em freguesias ou lugares, onde não nos é possível fazer a cobrança pelo correio, para efectua-rem ou mandarem pagar as suas assinaturas na nossa redacção.

Pagamento de assinaturas

A fim de fazerem o pagamento de assinaturas, estiveram na nossa redacção, os nossos estimáveis amigos:

António Simões Braz, Arega.
 João de Almeida, Casais-Arega.
 António de Almeida, Fato.
 Victorino de Carvalho, Campêlo.
 António-Simões, Sertã.

O Carbono

O coronel Wrench, um dos técnicos em purificação de água mais competentes dos Estados Unidos, declarou que o emprego da clorina para esterilizar a água potável constitui um meio muito interessante de torná-la pura, mas a clorinação, por vezes, tem a desvantagem de provocar um gosto desagradável, que pode ser combatido com êxito por meio da aplicação do carbono activado.

O carbono activado é uma das mais interessantes descobertas feitas pela ciência, nestes últimos tempos. Uma simples libra desse carbono activado resulta um meio de retirar todo o gosto ou cheiro que possam existir de desagradável em 100.000 galões de água para consumo. O carbono activado é, assim, um dos meios mais interessantes que podem existir de purificar a água que for fornecida a uma cidade. Uma simples onça desse carbono possui a quantidade verdadeiramente extraordinária de 2 biliões de partículas. O carbono activado, além disso, absorve toda a sorte de odores e gostos que possam ser de origem animal ou vegetal existentes na água.

Joaquim J. Fernandes
 Medico Municipal

Clinica geral
 Doenças das crianças
 Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte
 Medico da Casa do Povo

Figueiró dos Vinhos

Vinho—Vende-se aos garrafões de 5 litros, o bem apaladado vinho da Quinta do Minhoto.

Manuel L. Gomes dos Santos

Relojoaria e Ourivesaria

Grande sortido de objectos de ouro e prata
 Encarrega-se de todos os concertos

Figueiró dos Vinhos

ANTÓNIO DA SILVA

COMERCIANTE
 Fazendas de algodão, lanifícios, roupas brancas, etc.
 R. Dr. José Martinho Simões
 Figueiró dos Vinhos

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Armazém de Lanifícios

Figueiró dos Vinhos



Boa Prática Económica
 VENDEM
Mesquita & Irmãos, L. da
 Figueiró dos Vinhos

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA
 Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—**FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Asambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Asambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 3138**

“A Regeneração,”

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:
 Cada série de 24 numeros 9\$50
 , , , 48 , 19\$00

Este preço é acrescido do porte do correio

COLONIAS:
 Cada série de 24 numeros 16\$00
 ” ” ” 48 ” 32\$00

ESTRANGEIRO:
 Cada série de 24 numeros 24\$00
 ” ” ” 48 ” 48\$00

Pagamento adiantado

Farripas da alma

Notas Soltas

Eco

XXIII

9 Quem governava Portugal nesse tempo, em nome de Filipe IV, era uma senhora espanhola, a Duquesa de Mântua, que tinha, por secretário, um português vendido a Espanha. Chamava-se Miguel de Vasconcelos.

Os revoltosos assaltaram o Paço, prenderam a Duquesa de Mântua e mataram Miguel de Vasconcelos.

Portugal era, de novo, uma Nação livre.

Pois, meus meninos, foi para festejar este acontecimento glorioso que aqui nos reunimos hoje.

Devem sempre amar com grande amor o nosso querido Portugal.

E, para o amar assim, é necessário estudar, trabalhar muito para vos tornardes homens e senhoras úteis, contribuído com a vossa inteligência e com o vosso esforço para uma riqueza da Nação; é necessário pagar os impostos, respeitar as leis e as autoridades e, até, se for preciso, dar a vida por Ela, defendendo-a dos ataques dos seus inimigos.

Não vos esqueçais de que amar a Pátria é amar os vossos pais, irmãos, irmãs, avós; amar a Pátria é amar a casa onde nascesteis, a rua onde brincais, a escola onde sois educados, a cidade, a vila ou a aldeia onde moram os vossos amigos; amar a Pátria é amar todas as pessoas que, do Minho ao Algarve, e dos Açores a Timor, falam a mesma língua, têm os mesmos costumes e estão sob a mesma Bandeira; amar a Pátria, finalmente, é amarde-vos a vós mesmos, pois os meninos, também pertencem a Portugal.

Viva Portugal!
Viva o Senhor General Carmona!

Viva o Senhor Dr. Oliveira S. Lazar!

Viva a Mocidade Portuguesa!

As palavras que vão seguir-se, foram lidas por ocasião da primeira visita que o director do Distrito Escolar de Lisboa, sr. Manuel Bernardes, fez ao professorado do concelho de Torres Vedras, reunido numa das salas da escola primária da sede do mesmo concelho.

Ex.^{mo} Sr. Director do Distrito Escolar e Ex.^{mos} Colegas:

Não podia, pois o dever e o coração a isso me obrigam, deixar de proferir algumas palavras, nesta sessão, para, em primeiro lugar, apresentar a V. Ex.^{as}, em nome do professorado aqui reunido, os nossos cumprimentos de boas-vindas e, ao mesmo tempo, os nossos melhores respeitos e saudações, respeitos e saudações que tornamos extensivos à Escola Primária do nosso País que V. Ex.^{as}, neste momento e nesta

salas, tão digna e superiormente representa.

E, depois, é também nosso sincero e grande desejo agradecer a V. Ex.^{as} a subida honra com que nos quis distinguir, vindo no dia de hoje, até esta laboriosa e histórica vila de Torres Vedras, trazer-nos o entusiasmo da vossa palavra, fluente, o oriente dos vossos utilísimos concelhos e a lição profícua do vosso saber.

Porque é preciso dizer-se que ao professorado deste concelho (e digo ao professorado e não apenas a mim porque a muitos, senão a todos dos meus Colegas, tenho ouvido a afirmação) cónscio de que, se não desempenho com zelo matemático e preparação última a sua espinhosa missão, no entanto, faz uso duma vontade forte para se aproximar mais e mais desse ideal supremo, ao professorado deste concelho, repito, a visita dos seus superiores hierarquicos não causa temor nem perturba a tranquillidade do seu espírito. Pelo contrário, felicita-se pela frequência dessas visitas, pois, sequiosa de aperfeiçoamento e da posse de processos e métodos de ensino que, melhor e suavemente, o possam conduzir ao triunfo do objectivo que tem em mira, essas visitas vão de encontro ao seu melhor desejo.

E' que o exercício de professor primário, dada a delicadeza e heterogeneidade da matéria-prima que tem de manipular—a alma infantil, excede, em esforço, inteligência e responsabilidade o de muitas outras profissões.

O lavrador, o sapateiro, o pintor etc., conhecem, de antemão, os materiais em que têm de exercer a sua acção e, por isso, fazem uso de métodos de trabalho invariáveis que conduzem sempre aos mesmos resultados.

O professor primário não. Desde os temperamentos mais apáticos, tocando, por vezes, a idiotia, aos mais irrequietos e explosivos, passando pelos imbecis, atardados, normais e super-normais, a escola é vasta e variada e, portanto, vastos e variados têm de ser os processos e métodos de ensino.

Será ousadia dizer que cada aluno cada método?

Tencionava proferir, apenas, algumas palavras de saudação e agradecimento, e, afinal, alarguei-me em considerações para as quais peço desculpa a V. Ex.^{as}, Senhor Director, se acaso foram inoportunas.

E agora, para terminar como principiei, direi:

— Sêde bem-vindo!
(Continua)

Chávelho, 13-9-944.
José Rodrigues Dias

Dizem que a borboleta pode encontrar-se em todas as partes do Mundo, excepto na Islândia e no Spitzberg.

Crê-se geralmente, que a foca é um anfíbio, exclusivo das águas salgadas. Todavia, podem este animais aclimatar-se em águas doces. Na Sibéria, criam-se muitas focas nas águas doces do lago Baikal; e no mar Cáspio, cujas águas adoçam as do rio Volga, vive também, uma espécie de foca, a que os naturalistas chamam, foca cáspica.

D. António da Costa—afirmou muitas vezes que, quando o homem tem a consciência da sua valia, operava prodígios em todas as condições de vida.

Em Souchow, na China, produzia-se ha anos, mais de 300 variedades de setim, 200 qualidades de seda e 200 espécies de gases das quais eram desconhecidas fóra da cidade.

David Perez — foi um distinto compositor da escola napolitana. Nasceu em Nápoles em 1711 e faleceu em Lisboa em 1779.

Em 1752 veio para Lisboa contratado por D. José I, afim de exercer as funções de mestre de música dos príncipes e compositor da corte, onde ficou até morrer, tendo exercido grande influência na orientação e ensino da música em Portugal.

O P.^o Manuel Bernardes, quando falava sobre o pecado, dizia: o demónio é cosnheiro; se vê que não gostamos do pecado guizado de um modo, tantos temperinhos lhe busca até que nos abre a vontade; e se o não levamos todo, contenta-se com que prevemos algum bocado.

Coelho Neto, muitas vezes afirmou que os homens não se conheciam, e que era este o seu maior defeito. O ignorante era ousado e o sábio era tímido. Um para impôr-se, faz-se pedante; outro para esconder-se, humilha-se, e o que geralmente se vê é a mediocridade vencendo, por ser atrevida, e o valor esquecido, por não se querer afrontar.

Sêneca—dizia que a educação exigia os maiores cuidados, porque influe sobre toda a vida.

Cada alma continua outra, infinita, Cada instante, outro instante que se evade, Cada palavra a antiga claridade Doutra palavra morta que foi dita.

E, quando um pensamento nos agita, E' que a semente dele nontra idade Lançada foi. Que voz clara não ha-de Achar eco onde alastre e se repita?

Não muda a Vida; é tudo sempre igual; Há sempre um bem que dorme e há sempre um mal, Hoje, ontem, amanhã—horas pequenas!

E não tem fuudo o mar das fantasias... As mais longas e doces melodias São sete notas duma escala apenas!

P. Homem de Melo

Casamento

No próximo passado dia 17 do corrente teve lugar em Fátima o enlace matrimonial da sr.^a D. Aida Mendes Barreiros, filha do conceituado comerciante sr. José Simões Barreiros Júnior, e da sr.^a D. Generosa Mendes Barreiros com o sr. Emídio A. Pimentel da Costa Simões Cânova, filho do sr. dr. Joaquim A. da Costa Simões Cânova, conservador do Registo Commercial em Coimbra e sr.^a D. Silvina Cânova.

Foram padrinhos por parte da noiva o nosso Director dr. Simões Barreiros, illustre presidente da nossa Câmara e sua ex.^{ma} Esposa e por parte do noivo o sr. José Simões Barreiros Júnior e sua filha D. Ester Mendes Barreiros.

A cerimónia religiosa, teve lugar na Igreja do Santuário da Senhora de Fátima, sendo celebrante o reverendo arcepreste Padre António Inglez.

Apoz este acto foi oferecido pelo pai da noiva o almôço a todos os convidados, que teve um carácter íntimo, em virtude da família da noiva se encontrar de luto.

Os noivos seguiram nessa tarde com destino a Lisboa, onde foram passar a lua de mel.

«A Regeneração» que tem pelos noivos a melhor estima, faz ardentemente votos no sentido de que tenham uma prolongada lua de mel e um futuro próspero e feliz.

Grémio da Lavoura

Concurso

Está aberto o concurso para o lugar de guarda-livros do Grémio da Lavoura.

Os candidatos devem apresentar, na sede do Grémio em Figueiró dos Vinhos, os seus requerimentos até ao dia 4 de Fevereiro do corrente ano. Além do requerimento, o candidato tem a apresentar certidão das suas habilitações literárias e quaisquer outros documentos do serviço, que, porventura tenham prestado em organismos similares ou no comércio.

A prestação das provas tem lugar no dia 19 de Fevereiro. Tem o vencimento de 850\$00 o lugar a concurso. Encontra-se afixado edital, para este concurso a porta da sede do Grémio, no edificio da Câmara Municipal.

Fenelon

Houve mais dum Fenelon, mas quando se evoca a lembrança deste nome, nenhuma duvida já mais existirá de que se alude ao immortal arcebispo de Cambrai, autor do *Telemaco*. Nasceu em 1651, e aos 16 anos era já um pregador de renome. Ha de sempre lembrar-nos a história do seu primeiro discurso, pronuciado uma noite de festa no palácio Boufflers, tendo por assunto um pequeno limpa-chaminés que o futuro arcebispo viu assentado numa porta de escada a chorar por os gatunos lhe haverem furtado todas as suas economias, que se destinavam a compra duma perna de pau com que o pai, então no hospital projectava prosseguir a sua vida, também de limpa chaminés.

Foi esse encontro que, descrito singela mas comovidamente no sarau, ficou sendo considerado o seu primeiro serão. Seguido, como foi por uma quete, rendeu ao pequeno infortunado uma verdadeira fortuna, expressa em dinheiro e em jóias, que uma grande parte da assistência ofereceu espontaneamente ao rapazinho.

Reservando nos o cumprimento do dever que é contar detalhadamente este interessante episódio, limitamo-nos por agora a juntar ao nome do eloquente orador, o de Matias Louvrex, famoso jurisconsulto francês, homem simples de costumes, modesto e absolutamente desinteressado. Este homem, além das suas virtudes pessoais tinha uma memória prodigiosa, pois sabia de cor não só os titulos dos livros que possuia na sua vasta biblioteca, vasta e erudita, como também o lugar onde esses livros se encontravam e a página das diferentes passagens que tinha precisão de citar nos seus escritos. Como prova do apreço que merecia a sua ciência e a sua probidade cita-se o caso ocorrido com Fenelon, que sabendo ter Louvrex chamado a si a defesa dum adversário seu pediu que o deixassem ver a memória que o advogado escrevera, depois do que não só desistiu do processo, como ainda lhe mandou uma colecção das suas obras com dedicatória e lhe solicitou a honra de lhe dispensar a sua amizade.

Luis Leitão